

**"Rapporto Brasile": arquitetura brasileira na revista *Zodiac*, 1960.**

Juliana Braga Costa

Arquiteta e Urbanista pela FAUUSP (2004); Mestranda na mesma instituição (desde 2007).

Rua Almir de Carvalho, 211 – CEP 02373090 - São Paulo, SP / fone: 11 8124-9114 / julianabc@usp.br

## "Rapporto Brasile": arquitetura brasileira na revista *Zodiac*, 1960

O presente trabalho é parte da pesquisa de mestrado na qual estudamos a contribuição crítica de Flavio Motta, artista e intelectual que se dedicou à docência na FAUUSP, através de sua colaboração com alguns arquitetos, como Vilanova Artigas e Paulo Mendes da Rocha, durante a década de 60 em São Paulo.

O objeto central deste trabalho é o número especial sobre o Brasil publicado na revista italiana *Zodiac* n.06, em 1960. Através dele, pretende-se discutir algumas das construções recorrentes de nossa historiografia, e trazer ao debate algumas questões que surgem à medida que nos concentramos no estudo da arquitetura brasileira no período posterior à inauguração de Brasília.

É notória a importância das revistas especializadas como veículo de divulgação da arquitetura moderna brasileira no exterior, principalmente nos primeiros anos da década de 50. O grande número de revistas que se dedicaram a promover a arquitetura brasileira, especialmente através dos chamados "números especiais", contribuem para a consolidação do discurso hegemônico no qual a arquitetura carioca tornou-se sinônimo de arquitetura moderna brasileira, sistematicamente reiterado na historiografia e nos manuais de arquitetura moderna. São poucas as leituras que divergem desta trama canônica, e a elas se incorpora a revista *Zodiac* na qual este trabalho se concentra.

Nos anos que correspondem à conclusão da obra de Brasília, as críticas internacionais à arquitetura brasileira tornam-se cada vez mais duras. O número especial da *Zodiac*, por um lado, em sintonia com os debates do período, publica alguns dos discursos fervorosamente contrários ao projeto da nova capital. De outro lado, não se furta em apresentar alternativas a este projeto desenvolvidas em território nacional, que partem de outros arquitetos que não aqueles consagrados na década anterior.

Nesse contraponto às críticas internacionais, analisamos o texto de abertura do número especial da *Zodiac*, *Introduzione al Brasile*, escrito por Flavio Motta especialmente para a revista. Nele se reconstitui um quadro histórico, político e cultural do país no qual o surgimento e desenvolvimento da arquitetura moderna são compreendidos como fruto de um processo modernizador muito mais amplo do que aquele consagrado pela versão canônica, introduzindo no campo internacional novas possibilidades de compreensão desse movimento e, do mesmo modo, uma leitura historiográfica alternativa.

Nesse mesmo texto de apresentação, Vilanova Artigas emerge pela primeira vez como articulador de um movimento que poderia, naquele momento, ocupar o lugar de destaque que anteriormente havia sido dado ao grupo carioca, como uma alternativa socialmente comprometida e possível resposta às críticas ao formalismo da arquitetura moderna brasileira que ecoavam naquele momento. É na *Zodiac* que, pela primeira vez, associa-se este grupo de São Paulo ao movimento Brutalista inglês, inaugurando uma leitura que também se tornou recorrente quando se trata dos desdobramentos da arquitetura moderna ao longo da década de 60.

Palavras-chave: Flavio Motta, *Zodiac*, revistas, historiografia

## **“Rapporto Brasile”: arquitetura brasileira na revista *Zodiac*, 1960**

O objeto central deste trabalho é o número especial sobre o Brasil publicado na revista italiana *Zodiac* n. 6, em 1960. Mais especificamente, nos detemos sobre o artigo de apresentação deste número: “Introduzione al Brasile”, escrita por Flavio Motta (1923) especialmente para esta ocasião. Ainda que se trate de um recorte bastante específico, percebemos que à medida que este artigo é relacionado com a historiografia da arquitetura moderna brasileira, permite que se recuperem algumas questões pertinentes à leitura e entendimento desta construção. Além disso, ao inseri-lo nos debates em curso no período de sua publicação, é possível reconhecer algumas das questões principais presentes no estudo da arquitetura brasileira quando da inauguração de Brasília.

Com esse objetivo, partimos do estudo dos números especiais sobre o Brasil publicados nas revistas estrangeiras durante as décadas de 40 e 50, e em alguns dos debates que aparecem nas páginas destas publicações.

\*\*\*

Quando se trata de compreender a inserção da arquitetura moderna brasileira nos temas e debates da crítica internacional, as revistas representam um material de extrema importância. É através delas que mais claramente percebemos como se avalia, o que se valoriza e de que modo se insere à arquitetura brasileira no âmbito das discussões mais gerais do movimento moderno. Através das revistas, é possível perceber as relações entre a crítica e o campo profissional da arquitetura, a medida em que a produção projetual é relacionada aos debates em curso e ao campo cultural mais amplo. Neste sentido, o discurso crítico assume papel chave no processo de produção da arquitetura, pois resulta em efeitos concretos, tanto ao atribuir significados e valores a esta atividade, quanto ao delinear os caminhos profissionais possíveis de serem traçados. Por essa razão, as revistas não significam apenas documentos de cada período, mas também constituem importante material historiográfico, a medida que fornecem elementos e representações que alimentam os debates no calor do momento, e desse modo contribuem para a consolidação de determinadas narrativas.

Uma evidência dessa importância é a significativa quantidade de trabalhos acadêmicos realizados recentemente com o foco na contribuição das revistas na constituição da arquitetura moderna brasileira e sua contribuição à historiografia.<sup>1</sup> Tratam-se de fontes relevantes neste estudo, tanto para o entendimento das orientações editoriais e estruturas de funcionamento de algumas das revistas, quanto para auxiliar nas delimitações temporais e recortes temáticos.

---

<sup>1</sup> São eles: Maria Beatriz Capello. *Arquitetura em Revista: arquitetura moderna no Brasil e sua recepção nas revistas francesas, inglesas e italianas (1945-1960)*. São Paulo: FAU-USP, 2006 (Tese de doutorado); Clara Luiza Miranda. *Crítica nas revistas de arquitetura nos anos 50: a expressão plástica e a síntese das artes*. São Carlos, EESC-USP, 1998 (Dissertação de mestrado); Nelci Tinem. *O alvo do olhar estrangeiro: o Brasil na historiografia da arquitetura moderna*. João Pessoa: Editora Universitária, 2006.

A arquitetura moderna brasileira começa a ser publicada nas revistas internacionais efetivamente a partir do projeto do Ministério da Educação e Saúde em 1936 e do Pavilhão Brasileiro para a Feira de Nova York em 1939. Até então, haviam sido publicados apenas 12 artigos sobre a arquitetura brasileira desde 1900, já entre 1936 e 1942 são publicados 16 artigos neste tema. No entanto, essas iniciativas até então consideradas manifestações pontuais de nível excepcional, realizadas sob a inspiração de Le Corbusier (1887-1965), ganham ares de movimento estruturado, consciente e consistente no momento em que são reunidas na publicação de *Brazil Builds* e a exposição no MoMA em 1943. A partir deste momento, a arquitetura moderna brasileira se torna um tema recorrente nas publicações estrangeiras. Somente no ano de lançamento do livro foram publicados 15 artigos focados na arquitetura brasileira e 2 números especiais.<sup>2</sup> Entre sua edição, em 1943, até 1960 foram publicados 224 artigos sobre arquitetura brasileira nas revistas estrangeiras, e neste conjunto, nada menos do que 20 números especiais sobre o Brasil publicados em todo o mundo.<sup>3</sup> No início da década de 50 a arquitetura brasileira já aparece com regularidade nas revistas internacionais e atinge seu maior prestígio.

Mais do que o responsável pelo bem-sucedido reconhecimento internacional da arquitetura brasileira, a publicação de *Brazil Builds* representa também o início de uma matriz de leitura que seria incorporada à historiografia da arquitetura brasileira deste momento em diante. Partindo dos trabalhos que reconstituem a formação de uma "trama historiográfica" <sup>4</sup> da arquitetura brasileira, sabemos que a narrativa instituída a partir do livro *Brazil Builds*, será sistematicamente reiterada nos manuais de arquitetura moderna, na divulgação da arquitetura brasileira nas décadas seguintes, e também através do conteúdo publicado a partir de 1943 nas revistas especializadas.

Nesta construção, sabemos que algumas chaves de leitura compõem de modo recorrente. Através delas, se organiza um quadro a partir do qual a arquitetura moderna estabelece uma relação de continuidade com uma arquitetura tradicional brasileira, que por sua vez corresponde a uma adaptação local – a partir das disponibilidades técnicas e das necessidades climáticas - da arquitetura colonial. Este processo de continuidade, interrompido pelo neoclassicismo e ecletismo, é retomado pelo grupo que se articula em torno de Lucio Costa (1902-1998) após sua passagem pela direção da ENBA, em 1931, e que realiza o projeto do Ministério da Educação. Ainda que realizado sob o risco de Le Corbusier, trata-se de uma adequação às condições locais, e portanto,

---

<sup>2</sup> Os levantamentos nos periódicos especializados foram realizados a partir da consulta aos seguintes índices: Art Index: a cumulative author and subject index to selected list of fin arts and periodicals; Avery Index to architectural periodicals; RIBA – Royal Institute of British Architects, Catalogue.

<sup>3</sup> Nessas edições, ao invés de artigos apresentando um projeto específico, todo o número era dedicado à composição de um retrato do país e da arquitetura que fosse o mais completo possível, amparado por textos críticos e descrições da natureza, da paisagem, etc. Os números especiais levantados neste estudo são: Architectural Record, jan. 1943; The studio, out. 1943; Architectural review, mar. 1944; Byggmastaren, n.19, 1946; Progressive Architecture, abr. 1947; L'architecture d'aujourd'hui, n. 13-14, 1947; Architectural Forum, n.11, 1947; Proa, abr. 1948; Domus, n.229, 1948; Architectural review, out. 1950; L'architecture d'aujourd'hui, n. 42-43, 1952; Architectural review, jul. 1953; Werk, n.8, 1953; Architectural review, out. 1954; L'architecture d'aujourd'hui, n. 67-68, 1956; Architectural Record, abr. 1956; Arquitectura Mexico, n.21, 1958; L'architecture d'aujourd'hui, jun-jul. 1960; Zodiac, n.6, 1960.

<sup>4</sup> A principal referência na discussão da elaboração da "trama" da historiografia brasileira, é o trabalho de Carlos A. Ferreira Martins, Elementos para uma análise da constituição do discurso moderno no Brasil. A obra de Lucio Costa 1924-52. São Paulo: FFLCH-USP, 1988 (Dissertação de mestrado). Entretanto, a partir dele, podemos citar outros trabalhos que contribuem para esta discussão, como o de Nelci Tinem apontado em nota anterior.

uma contribuição original brasileira ao movimento moderno internacional.<sup>5</sup> A partir do projeto do Ministério a arquitetura moderna brasileira – entendida como aquela realizada pelo grupo de Lucio Costa, com Oscar Niemeyer (1907) como principal figura - desenvolve-se num crescente, vinculada ao estado como produção "oficial", e se afirma como linguagem nacional.

De um modo geral, os números especiais sobre o Brasil reafirmam e valorizam esta leitura e conseqüentemente, contribuem para que se consolide como a "versão canônica" da constituição da arquitetura moderna brasileira. De fato, não se pode dizer que esses periódicos estivessem intencionalmente comprometidos com a afirmação de uma trama histórica, como é o caso, por exemplo, dos manuais de arquitetura moderna, entretanto, através da amplitude de seu alcance, acabam por afirmar tendências e servir de fonte aos ensaios monográficos e manuais que se propusessem a abordar esta questão.<sup>6</sup>

Neste contexto, o número especial da revista *Zodiac* que apresentamos neste trabalho pode ser entendido como uma exceção à essa construção. Trata-se, em princípio, de um número especial tardio. Enquanto as principais revistas internacionais empenhavam-se na publicação de números especiais sobre o Brasil até meados da década de 50, a *Zodiac* foi a única a publicá-lo somente ao final da década, sendo este o último número especial sobre a arquitetura moderna brasileira a ser editado. Ainda que a revista *Zodiac* tenha sido criada somente em 1957, e a própria editoria tenha consciência deste "atraso" na pauta brasileira<sup>7</sup>, entendemos que esta publicação tardia seja um dos motivos que permitem uma abordagem das questões tratadas sob uma ótica distinta daquela celebratória apresentada nos anos anteriores pelas outras revistas. Passado o deslumbramento inicial com a arquitetura brasileira, naquele momento era possível avaliar as experiências precedentes a partir de uma perspectiva mais contundente e ao mesmo tempo, incorporar algumas leituras críticas acerca do projeto de Brasília, que naquele momento era inaugurada.

---

<sup>5</sup> Carlos A. Ferreira Martins. Elementos para uma análise da constituição do discurso moderno no Brasil. A obra de Lucio Costa 1924-52. São Paulo: FFLCH-USP, 1988, pp.73-74.

<sup>6</sup> Nelci Tinem. O alvo do olhar estrangeiro: o Brasil na historiografia da arquitetura moderna. João Pessoa: Editora Universitária, 2006, p.203.

<sup>7</sup> "Progettavamo da tempo un "rapporto Brasile" per Zodiac, e l'occasione migliore ci è sembrata il trasferimento della capitale da Rio de Janeiro a Brasilia, che avviene proprio mentre esce questo sesto numero della rivista." Bruno Alfieri, "Rapporto Brasile", p.57.

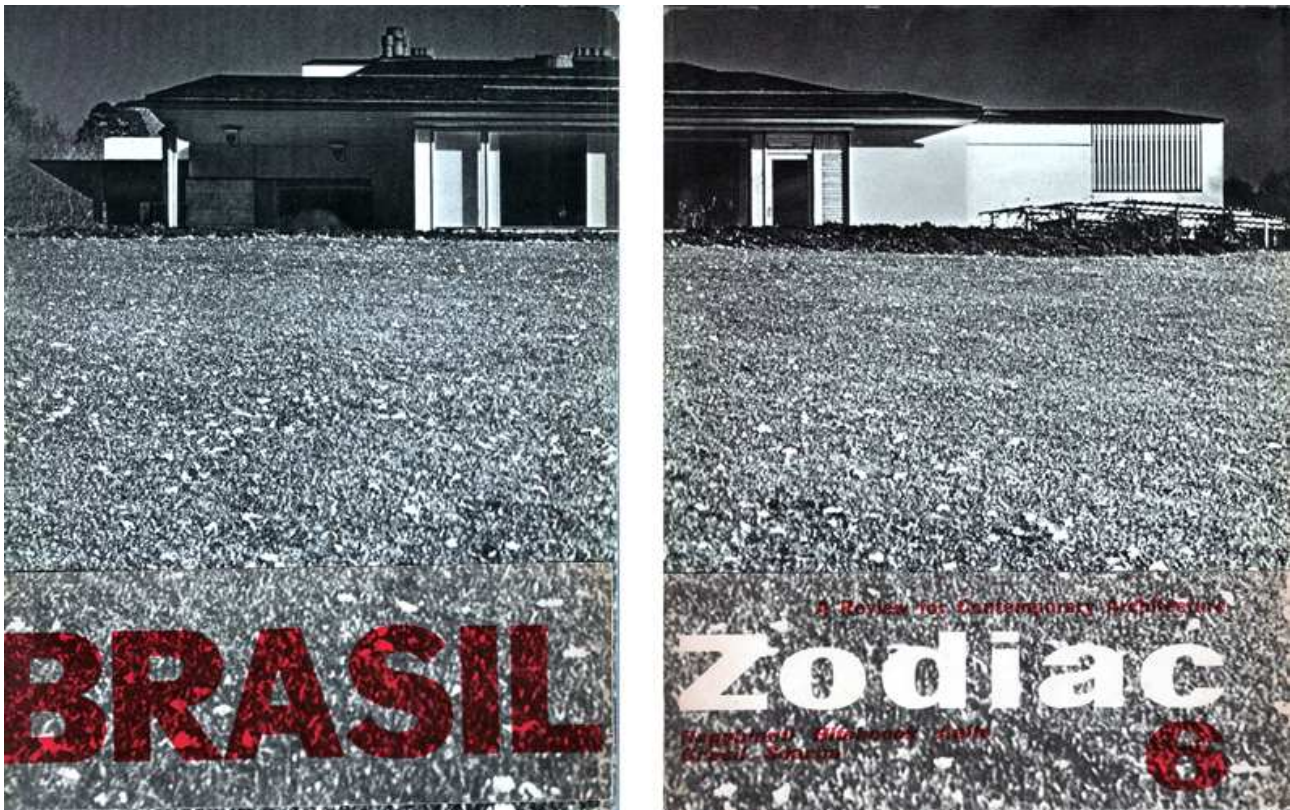


Figura 1 – Capa e contra-capa da revista, com destaque para residência de Alvar Aalto.

A revista *Zodiac* era publicada em Milão por Adriano Olivetti (1901-1960), industrial considerado "o grande promotor do design italiano".<sup>8</sup> Desde o primeiro número, tem entre seus colaboradores algumas das personalidades mais atuantes no debate da arquitetura no período, como Ernesto N. Rogers (1909-1969), Henry-Russell Hitchcock (1903-1987), Sigfried Giedion (1888-1968), Le Corbusier, Eero Saarinen (1910-1961), Paolo Portoguesi (1931), e correspondentes em alguns países fora do circuito que compreendia a Europa e os Estados Unidos, como México, Venezuela, Japão e Brasil, que no caso, tratava-se de Salvador Candia (1924-1991).<sup>9</sup> Seu editor chefe era Bruno Alfieri (1927-2008), figura de destaque no cenário editorial italiano, sobretudo nas áreas de arte, arquitetura e design.

*Zodiac* contava com um projeto gráfico requintado, elaborado por Roberto Sambonet (1924-1995), diretor de arte da revista. Sambonet, designer, pintor e artista gráfico, era muito ligado ao Brasil, onde esteve diversas vezes, e viveu em São Paulo entre 1948 e 1953, lecionando artes gráficas e estamperia nos cursos do MASP, onde se tornou amigo próximo de Flavio Motta. Foi ele quem sugeriu a Bruno Alfieri o nome de Motta para a colaboração no número especial sobre o Brasil.

<sup>8</sup> Giulio Carlo Argan. "O design dos italianos", História da arte como história da cidade. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p.269.

<sup>9</sup> Apesar de constarem na ficha técnica da revista desde seu número inicial, não é explícita ao longo da publicação quais são as contribuições efetivas de cada um dos colaboradores internacionais.





Figura 2 – Páginas de abertura do artigo "Introduzione al Brasile" de Flavio Motta.

“Rapporto Brasile” era apresentado por um breve texto de autoria do editor chefe. Em seguida, o texto de apresentação "Introduzione al Brasile", de Flavio Motta, objeto de nosso estudo. Na mesma seqüência, apresentava detalhadamente o trabalho de alguns arquitetos brasileiros: Afonso Reidy (1909-1964), Rino Levi (1901-1965), Vilanova Artigas (1915-1985), os irmãos Marcelo (1908-1964) e Milton Roberto (1914-1953) e Burle Marx (1909-1994). E fechava a edição marcando a posição da editoria no debate acerca de Brasília, com a publicação de um pequeno dossiê: um artigo de Bruno Zevi (1918-2000), "Critica a Brasilia"; o "Depoimento" de Oscar Niemeyer, em tom de defesa da crítica à que era submetido; e um último artigo de autoria de Mario Barata (1921-2007), "Ponto de vista de um brasileiro", que fechava a edição dedicada ao Brasil.

Partindo dessa organização, é possível percebermos que o número de Zodiac aqui estudado reflete um quadro distinto daquele no qual a arquitetura brasileira era vista até meados da década de 50, e que se explicitava no conteúdo das revistas do período.

Em dissonância com a matriz de leitura que era repetidamente reiterada, o artigo de Flavio Motta, "Introduzione al Brasile", apresenta um quadro histórico que tem início na transição do Império à República, destacando as características políticas e econômicas desses dois períodos e sua relação com a produção cultural e o desenvolvimento no campo artístico. Na medida em que

problematiza esta relação, insere o desenvolvimento da arquitetura moderna brasileira num quadro muito mais complexo do que aquele que até então era promovido no plano internacional.

Como observa Clara Miranda,

*"A crítica de Flavio Motta na Zodiac aponta os equívocos da consideração da enxertia da linguagem corbusiana e Pampulha como momento de gênese da arquitetura moderna brasileira. Motta contrapõe-se à ideologia do estímulo como "momento fundante" da generalização da linguagem moderna no país, e coloca a idéia de uma introdução feita de um somatório de trabalhos e discursos. Absorve implicitamente a idéia do aspecto não-revolucionário da arquitetura moderna como um todo, mas de um produto da condensação de sucessivas reestruturações técnicas, metodológicas e lingüísticas, em cuja difusão, o discurso tem papel fundamental, ao superpor ao mundo das técnicas e do fazer novos significados, novas relações humanas, impedindo que se tornem recorrentes ou desdobrando o significado daqueles que têm valor."*<sup>10</sup>

Nesse quadro, não permite, por exemplo, que se recorra à leitura ordinária de que o ecletismo e o neo-classicismo teriam representado um momento de interrupção da força criativa e da expressão local<sup>11</sup>, ao contrário, destaca a importância do período para "o despertar do espírito nacional"<sup>12</sup> e a abertura de novas possibilidades na vida artística e literária nas cidades, e ainda o progresso qualitativo no ensino e na construção com a criação da Escola Nacional de Belas Artes: "Centralizando a vida cultural do país, a cidade do Rio de Janeiro e com ela a Academia com todos os seus rigores formais, serviam aos ideais de unidade do Império"<sup>13</sup>.

Não é à toa que Flavio Motta dedica especial atenção à questão do ensino e da formação profissional. Este tema aparece de modo recorrente no artigo, ora na discussão da importância da educação pública no desenvolvimento econômico e industrial, ora destacando a presença do Liceu de Artes e Ofícios na produção artística e no campo da construção em São Paulo, ou na preocupação com a formação técnica dos arquitetos. Formado em pedagogia na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo em 1943, Flavio Motta possui uma trajetória reconhecidamente engajada na formação de arquitetos e artistas, lecionando em diversas instituições, e desde 1954 na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP<sup>14</sup>. A proximidade com os arquitetos, no entanto, estendeu-se além do convívio acadêmico e se desdobrou em projetos conjuntos, textos críticos e colaborações.

---

<sup>10</sup> Clara Luiza Miranda. Crítica nas revistas de arquitetura nos anos 50: a expressão plástica e a síntese das artes. São Carlos: EESC-USP, 1998, p.260.

<sup>11</sup> Flavio Motta já se dedicava desde 1953 ao estudo da contribuição dos movimentos artísticos do final século XIX, quando publicou na revista habitat o artigo "São Paulo e o Art-Nouveau". Habitat, São Paulo, v.10, p. 3-18, 1953, que posteriormente desenvolveu como sua tese para concurso de cátedra na FAUUSP, Contribuição ao Estudo do Art-Nouveau no Brasil. Tese para concurso de cátedra. São Paulo, FAUUSP, 1957.

<sup>12</sup> Flavio Motta, "Introduzione al Brasile". Zodiac, Milão, n.6, 1960, p.64.

<sup>13</sup> Idem, ibidem, p.64.

<sup>14</sup> Flavio Motta também lecionou no Instituto de Arte Contemporânea (IAC) do Museu de Arte de São Paulo (MASP) e no Curso de Formação de Professores de Desenho da Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP).



Além do tema do ensino, outra questão presente no artigo é que há, na leitura empreendida por Flavio Motta, um equilíbrio de importâncias entre as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, no que tange à introdução da arquitetura moderna no Brasil. Essa discussão novamente retoma alguns debates anteriores relativos a constituição da matriz de leitura canônica da arquitetura moderna brasileira.

Os estudos que tratam dessa constituição consideram o livro sobre o arquiteto Gregori Warchavchik (1896-1972) publicado em 1965 por Geraldo Ferraz<sup>15</sup> como a primeira iniciativa em desacordo com o esquema instituído e celebrado a partir de *Brazil Builds*, na medida em que pretendeu construir uma trama distinta. Nela, não só é reforçada a importância de Warchavchik como pioneiro da arquitetura moderna, mas principalmente há uma "mudança de enfoque na abordagem da história de uma arquitetura brasileira".<sup>16</sup> Se na versão cristalizada que parte de *Brazil Builds* a arquitetura moderna era vista a partir de uma ótica de continuidade de um projeto nacional, a partir de seu vínculo com a tradição, a linha construída por Geraldo Ferraz tenta recuperar um sentido internacional da arquitetura moderna, adequado aos novos materiais e recursos construtivos e coerente com o "estado de espírito moderno". Nessa leitura, a arquitetura moderna brasileira não seria então fruto de um "processo de evolução de quatro séculos de arquitetura" mas fruto das "profundas alterações na vida econômica, política, técnica e cultural de São Paulo".<sup>17</sup> A trama apresentada por Ferraz se coloca como oposição ao grupo carioca e a toda a historiografia que se apóia nas diretrizes nesta vertente. Não era novidade, entretanto, a disputa empreendida por Ferraz em relação à primazia da arquitetura moderna no país; desde o final da década de 40 o crítico esteve envolvido em defender Warchavchik e o pioneirismo paulista na célebre polêmica travada com Lucio Costa nos jornais.<sup>18</sup>

A leitura que propõe Flavio Motta em "Introduzione al Brasile" não tem esse caráter de disputa. É, antes, uma tentativa de complexar um quadro onde até então havia uma única possibilidade de entendimento, e que não havia sido posta em cheque como narrativa. Ele traz outros elementos a serem considerados no panorama geral, e com isso, permite que se reconheçam os acontecimentos, tanto no Rio de Janeiro quanto em São Paulo, como fatos complementares e igualmente relevantes na composição de uma situação geral do país na qual a arquitetura moderna se desenvolve. Flavio Motta não pretende, como Ferraz faria mais tarde, declarar um pioneiro, e menos ainda, minimizar a importância do grupo carioca, da presença de Le Corbusier e do projeto do Ministério; por outro lado, enfatiza a relevância das experiências de Warchavchik, Rino Levi e Flavio de Carvalho (1899-1973) no campo cultural nacional e sua efetiva contribuição ao estabelecimento da arquitetura moderna no país.

---

<sup>15</sup> Geraldo Ferraz, *Warchavchik e a introdução da Nova Arquitetura no Brasil: 1925 a 1940*, São Paulo: MASP, 1965.

<sup>16</sup> Carlos Martins, *op. cit.*, pp.33-34.

<sup>17</sup> *Idem*, *ibidem*, pp.33-34.

<sup>18</sup> Geraldo Ferraz, "Quem é o pioneiro da arquitetura moderna brasileira? Falta o depoimento de Lúcio Costa", in *Diário de S. Paulo*, 1/2/1948. Lucio Costa, "Depoimento do arquiteto Lúcio Costa sobre a arquitetura moderna brasileira", in *Diário de S. Paulo*, 7/3/1948.

No entanto, só é possível compreendermos o sentido e a importância que adquire cada um desses personagens no quadro composto por Flavio Motta, a medida que entendemos o vínculo que o autor estabelece entre o desenvolvimento arquitetônico e o campo artístico e intelectual.<sup>19</sup> Motta traça um emaranhado de relações e influências que compõe a esfera cultural do país, dentro do qual cada contribuição adquire sentido no desenvolvimento de um todo orgânico, do qual a arquitetura moderna é parte. Assim, por exemplo, não demonstra nenhum estranhamento no fato da Semana de Arte Moderna não apresentar uma arquitetura condizente com a postura de renovação que era esperada deste movimento; ao contrário, considera que "no terreno da arquitetura as manifestações são mais esporádicas"<sup>20</sup>, e inclui os manifestos de Warchavchik e Rino Levi, o projeto para o palácio do governo de Flavio de Carvalho, a construção da Casa Modernista num ciclo de desdobramentos da Semana que se estende até 1928, com a publicação de *Macunaíma* por Mario de Andrade.

Neste mesmo processo de inserção da arquitetura num campo cultural mais amplo, relaciona o florescimento da arquitetura do grupo carioca com um momento de efervescência cultural nacional que se manifestava no Rio de Janeiro após a Revolução de 30:

*"O Rio de Janeiro retoma o timão das principais manifestações culturais, atraindo as novas personalidades formadas na região nordeste onde o Manifesto Regionalista de 1926 proclamou novos caminhos para a arte e a ciência. Foi lá no Rio de Janeiro que conquistaram fama os pintores Portinari e Lasar Segall; a música de Villa Lobos; os poemas de Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade; a obra literária de Jorge Amado, José Lins do Rego e Graciliano Ramos; a visão sociológica de Gilberto Freyre; a etnografia de Arthur Ramos; a poética de Mario de Andrade. O movimento da arquitetura moderna que tinha apenas esboçado vinha rapidamente delineando-se. Em São Paulo já havia se manifestado; e no Rio, as crescentes realizações anti-acadêmicas, terminaram por transformar o gosto pelo "neo-colonial" no interesse por uma arquitetura brasileira, "brasileira" não tanto em seus aspectos formais e ornamentais, quanto em seus valores de estrutura, função e outros atributos que pareciam inerentes a tradição arquitetônica. É isto, em grande parte, mérito de Lucio Costa. Sua obra realizou-se na contínua meditação e confronto com os outros vertentes da arquitetura contemporânea. Sob influência de intelectuais como o poeta e musicólogo Mario de Andrade, o escritor Rodrigo de Mello Franco, Carlos Drummond de Andrade e outros, vinham oficialmente acolhidos os novos valores, e isto trouxe o desenvolvimento das mais expressivas e concretas manifestações da arquitetura brasileira contemporânea."*<sup>21</sup>

---

<sup>19</sup> Relação esta que, segundo Carlos Martins, a versão canônica da arquitetura brasileira não conseguiu estabelecer: " a matriz interpretativa que analisamos não parte do entendimento da arquitetura como parte integrante do campo da produção cultural. Por isso não consegue inserir em sua trama que a arquitetura, apesar de seus condicionantes e procedimentos específicos, tem de enfrentar os mesmos desafios e buscar respostas às mesmas questões que estão colocadas para o conjunto da produção cultural de um momento histórico dado". p.75.

<sup>20</sup> Flavio Motta, op. cit., p.66. Tradução da autora.

<sup>21</sup> Idem, ibidem, p. 66. Tradução da autora.

Todavia, se por um lado “Introduzione al Brasile” pretende enriquecer a visão estrangeira em seu modo de olhar a arquitetura no Brasil, demonstrando que sua origem, seu desdobramento, sua abrangência no plano cultural são muito mais complexas do que aquelas avaliações recorrentes, por outro lado, esta leitura tem uma finalidade. O artigo pretende também fornecer alternativas, resgatar a arquitetura moderna brasileira do conjunto de críticas negativas e acusações que atravessaram a década anterior e vinham se intensificando desde o início da construção de Brasília.

Até o final da década de 40, ainda que aparecessem nas revistas algumas críticas negativas a produção brasileira, o tom geral nas publicações ainda era de celebração e deslumbramento, principalmente em função da fidelidade desta arquitetura ao movimento moderno, ao mesmo tempo em que trazia uma contribuição específica.<sup>22</sup> As revistas de maior circulação não escondem seu vínculo com os Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna (CIAMs)<sup>23</sup>, e por esta razão estão contaminadas pelas questões em voga nos congressos e interessadas em ampliar as fronteiras do movimento.

A partir de meados da década seguinte, as acusações que taxavam a arquitetura brasileira de formalista começaram a repercutir no escopo da crítica. De fato, o formalismo na arquitetura era uma questão presente nos debates do período como um todo, e essa discussão mais geral perpassa quase todas as revistas estudadas<sup>24</sup>, preocupadas em compreender os limites entre a preocupação estética e a excentricidade. Em 1954, a arquitetura brasileira ocupa o centro dessa discussão numa série de artigos publicados nas revistas *Architectural Review* e *Casabella* que compõe uma verdadeira polêmica, protagonizada por Max Bill (1908-1994), Ernesto Rogers e Walter Gropius (1883-1969), cada um detentor de uma opinião diversa acerca do suposto formalismo do qual a arquitetura brasileira, e principalmente Oscar Niemeyer, eram acusados.

Na própria edição da *Zodiac*, Brasília é alvo de duras críticas. Aproveitando o calor das discussões, a revista traz uma seqüência de artigos específica sobre a cidade recém-inaugurada. O primeiro, de Bruno Zevi<sup>25</sup>, traz críticas severas, nos moldes àquelas que havia feito no ano anterior quando esteve presente no Congresso Internacional Extraordinário de Críticos de Arte. Bruno Alfieri e também esteve presente no Congresso, e na apresentação dessa seqüência de artigos deixa claro que a posição da revista quanto à Brasília é semelhante a que foi apresentada no Congresso por Zevi<sup>26</sup>, entretanto também dá espaço para que os brasileiros "defendam-se", através dos artigos de Oscar Niemeyer e Mario Barata. O artigo de Flavio Motta, que esteve

---

<sup>22</sup> Tinem, op cit., p.139.

<sup>23</sup> Segundo Nelci Tinem, dentre as revistas de maior circulação mundial, a única que não era ligada aos CIAM era a *Architectural Fórum*. Tinem, op. cit., p.188.

<sup>24</sup> Tinem, op cit., p.202.

<sup>25</sup> Bruno Zevi, "Critica a Brasilia". *Zodiac*, Milão, n.6, 1960, p.129. Publicado originalmente em "L'architettura" n. 51, 1960.

<sup>26</sup> "Poichè la posizione di Zodiac su Brasilia è sostanzialmente vicina a quella di Bruno Zevi, espressa nel suo intervento a Brasilia [...] fu l'único congressista che ebbe il coraggio di affrontare criticamente la nuova capitale, mentre sembrava che i fasti dell'ospitalità del generoso Brasile avessero intimidito e paralizzato l'iniziativa degli altri congressisti italiani, francesi, inglesi e americani." Bruno Alfieri, *Zodiac*, p.129.

presente apenas na etapa paulista do Congresso, também tem o sentido de defender a nova cidade.

Logo no parágrafo inicial deixa claro que é somente a partir do conhecimento mais aprofundado das condicionantes históricas e culturais que o artigo pretende apresentar, que será possível, efetivamente, compreender o significado da arquitetura brasileira, sem submetê-la aos "juízos formalistas"<sup>27</sup>; seu artigo pretende reconduzir o julgamento dessa arquitetura, e principalmente o da experiência de Brasília, por caminhos que reconheçam seu sentido cultural e político a partir de suas próprias referências.

*"Brasília – a obra de Lucio Costa e Oscar Niemeyer - fora de qualquer consideração quanto a sua "funcionalidade" ou não, no futuro, como nova capital do Brasil, como visão introspectiva do país, exemplo de planificação, desejo de unidade nacional, é um dos mais estimulantes fatos culturais e políticos destes últimos anos da República, e que amplia os horizontes da nova geração de arquitetos. Brasília demonstrará quanto seja necessário, na formação do arquiteto, uma consciência política, no sentido mais puro da palavra: isto é, político e civilizador, que acolha os anseios de uma cultura configurada pelas necessidades íntimas de um povo."*<sup>28</sup>

Ao mesmo tempo em que pretende introduzir no debate internacional essas novas possibilidades de olhar, Flavio Motta também quer estabelecer continuidades, "conservar as conquistas qualitativas da arquitetura contemporânea brasileira"<sup>29</sup>, e nesse sentido, expõe experiências que apontem para novos caminhos. A principal delas traz, pela primeira vez, o arquiteto Vilanova Artigas como articulador de uma proposta alternativa à arquitetura carioca, que teria seus próprios fundamentos teóricos e expressão plástica diferente daquela difundida internacionalmente como a contribuição brasileira ao modernismo internacional.

Enfatizando esta corrente como uma alternativa socialmente comprometida. Flavio Motta talvez procurasse oferecer à crítica ao formalismo da arquitetura moderna brasileira uma alternativa capaz de ocupar o lugar de destaque que anteriormente havia sido dado ao grupo carioca:

*"se quisermos citar ainda um exemplo entre os nomes menos conhecidos da crítica estrangeira, encontramos aquele do arquiteto Vilanova Artigas, que realiza em São Paulo uma intensa atividade doutrinária, seguindo o exemplo de Lucio Costa no que diz respeito às exigências de uma posição teórica. Seja a sua obra o conteúdo irreverente da sua especulação, assume, algumas vezes, um caráter até brutal. Influenciado inicialmente por Frank Lloyd Wright, Artigas não deixou de observar o fenômeno "liberty" no Brasil, e rapidamente intuiu que as premissas modernas deste movimento foram prejudicadas pelas condições sociais e econômicas do país. As suas realizações revelaram o esforço de*

---

<sup>27</sup> "Para falar de arquitetura brasileira sem cair nos costumeiros juízos formalistas, e tentando apontar as novas possibilidades expressivas, é indispensável situar antes algumas rápidas considerações sobre a história do país". Flavio Motta, op.cit., p.61. Tradução da autora.

<sup>28</sup> Idem, ibidem, p. 67. Tradução da autora.

<sup>29</sup> Idem, ibidem, p. 66. Tradução da autora.

*alcançar novas formas através de processos construtivos independentes da instabilidade da indústria da construção nascente. As suas casas, projetadas para intelectuais e profissionais liberais, são caracterizadas pela economia de recursos da construção, onde, as vezes, o arquiteto se mistura intimamente à atividade do mestre-de-obra e do operário. Hoje, suas realizações vão amadurecendo em direção a um aparente "brutalismo". Deve-se notar que muitas vezes no "brutalismo" a agressividade é denunciada, mas não expressa como maturidade afetiva e emocional, ou seja, como fator de integração social. Aquilo que esse arquiteto brasileiro procura é a expressão da energia que penetra na matéria com o vigor e a obstinação de quem não impõe limite ao espaço, mas o escava procurando o vazio para o homem. Pensamos que isto é um exemplo que ilustra uma das tendências mais significativas da arquitetura brasileira nesta fase onde a figura do arquiteto se assemelha ao lendário "bandeirante", que abatia a floresta e construía sólidas habitações." <sup>30</sup>*

Esta associação do grupo de São Paulo ao movimento Brutalista inglês é feita pioneiramente nesta edição da *Zodiac*, inaugurando uma matriz de leitura que também se tornou recorrente, quando se trata dos desdobramentos da arquitetura moderna ao longo da década de 60. O artigo de Flavio Motta introduz o tema, mas é Bruno Alfieri, neste mesmo número, que o desenvolve, apresentando alguns trabalhos de Artigas reunidos sob um ensaio crítico intitulado "João Vilanova Artigas: ricerca brutalista".<sup>31</sup> Os diálogos possíveis de serem travados entre este ensaio, a introdução de Flavio Motta e as outras leituras que compõem o "Rapporto Brasile" deste número da *Zodiac*, constituem um importante material para o debate historiográfico acerca da "escola paulista".

Na década que sucedeu à esta publicação, o movimento "paulista" começou de fato a ocupar um papel de destaque na produção arquitetônica brasileira, gradativamente tomando, em território nacional, o lugar que outrora coube ao grupo de Lucio Costa. Os arquitetos em São Paulo, ao mesmo tempo em que desenvolvem projetos dotados de uma série de características próprias – muito ligadas às técnicas construtivas – que os distanciam do modelo consagrado da arquitetura moderna carioca, também passam a comparecer com maior regularidade ao centro dos debates que tomam corpo no plano nacional da década de 60.

Não obstante, no quadro internacional, o mesmo não aconteceu. Apesar da tentativa da *Zodiac* em apontar caminhos alternativos, que permitissem uma avaliação da continuidade e dos desdobramentos da experiência de Brasília na cultura arquitetônica brasileira e em sua contribuição ao movimento moderno, a crítica internacional pareceu desinteressar-se pelo tema. Uma evidência desse silêncio é, mais uma vez, a quantidade de artigos publicados sobre arquitetura brasileira nas revistas internacionais do período: enquanto no ano de 1960 foram publicados 41 artigos no tema, todos tratando da nova capital que se inaugurava, nos dez anos seguintes foram publicados apenas 54 artigos que tratavam de arquitetura brasileira. E se, no

---

<sup>30</sup> idem p.67

<sup>31</sup> Bruno Alfieri, p.97

contexto local, o movimento em São Paulo havia ganhado alguma notoriedade, no conjunto das publicações internacionais, não é sequer mencionado durante a década de 60; não há entre os artigos publicados qualquer referência a uma "escola" ou formação de uma alternativa à arquitetura carioca.<sup>32</sup>

Prevaleceram, nas leituras estrangeiras, as continuidades consagradas pela historiografia canônica, sacramentadas pelos manuais de arquitetura moderna, contemplando poucos personagens e obras, que de um modo geral, desaparecem do interesse da crítica assim como desaparece a arquitetura moderna brasileira após a conclusão de Brasília.

Acreditamos que trazer à tona leituras que tenham oferecido alternativas de interpretação a este quadro, possa contribuir para a compreensão deste silêncio. Nesse sentido, procuramos com este estudo salientar a importância de Flavio Motta no cenário da crítica da arquitetura brasileira, ainda não situada devidamente em nossa historiografia.

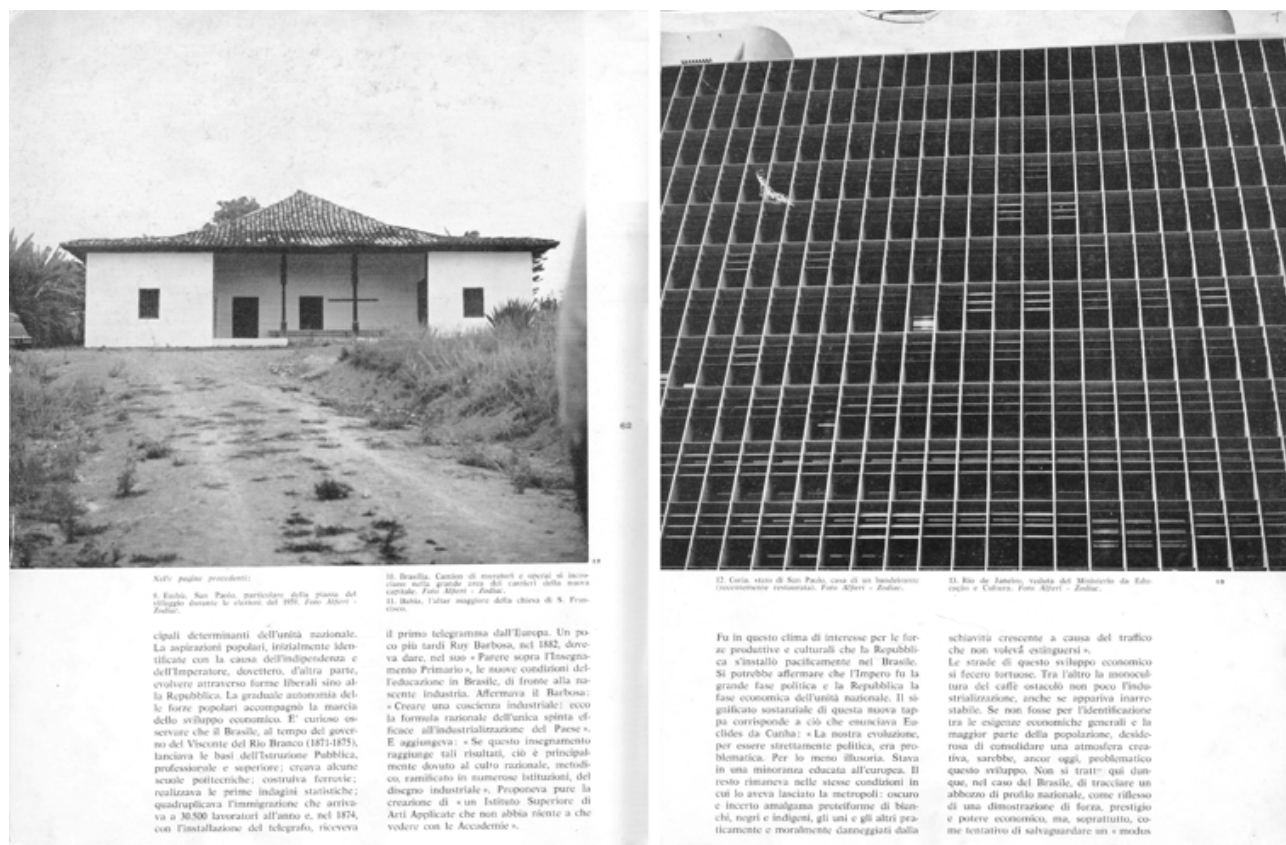


Figura 3 – Páginas do artigo, com destaque para as fotografias de Bruno Alfieri.

<sup>32</sup> Há apenas uma exceção nesse quadro: a revista japonesa Kokusai-Kentiku, que em meio ao silêncio da crítica, em 1967 dedicou um grande espaço à arquitetura paulista, com um artigo de 22 páginas intitulado "Architectural works around Sao Paulo after Brasilia". Nele, constam projetos de Paulo Mendes da Rocha, Pedro Paulo Saraiva, Jorge Wilhelm, Joaquim Guedes, Fabio Pentead, Carlos Millan, entre outros.

## BIBLIOGRAFIA

ALFIERI, Bruno. "Ricerca brutalista". *Zodiac*, Milão, n.6, p.97, 1960.

ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte como história da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

CAPELLO, Maria Beatriz. *Arquitetura em Revista: arquitetura moderna no Brasil e sua recepção nas revistas francesas, inglesas e italianas (1945-1960)*. São Paulo: FAU-USP, 2006 (Tese de doutorado).

MARTINS, Carlos A. Ferreira. *Arquitetura e Estado no Brasil. Elementos para uma análise da constituição do discurso moderno no Brasil. A obra de Lucio Costa 1924-52*. São Paulo: FFLCH-USP, 1988 (Dissertação de mestrado).

MIRANDA, Clara Luiza. *Crítica nas revistas de arquitetura nos anos 50: a expressão plástica e a síntese das artes*. São Carlos: EESC-USP, 1998 (Dissertação de mestrado)

MOTTA, Flavio. "Introduzione al Brasile". *Zodiac*, Milão, n.6, p.61-67, 1960.

TINEM, Nelci. *O alvo do olhar estrangeiro: o Brasil na historiografia da arquitetura moderna*. João Pessoa: Editora Universitária, 2006.